

MACAÍBA: O ESPAÇO DAS VIVÊNCIAS

Genilson de Azevedo Farias (UFRN)

Orientador: Almir de Carvalho Bueno (UFRN)

O trabalho em questão deriva de uma pesquisa em andamento, vinculada à base de pesquisa: *A Belle Époque potiguar: cultura e política no RN na Primeira República*. O estudo em destaque expõe alguns resultados sumários sobre a forma que Eloy de Souza, Henrique Castriciano de Souza e Auta de Souza, membros da elite política e sócio-econômica na passagem do século XIX para o XX, representaram o espaço de Macaíba através de suas publicações em diversas revistas e jornais do Estado. Sendo esta cidade o berço sócio-econômico da renomada família, o espaço que os irmãos trazem em suas narrativas, transcende o espaço meramente físico. No livro *Memórias* (1975), Eloy de Souza constrói, através das lembranças, um ambiente predominantemente sentimental onde perpassam as vivências familiares e afetivas com o espaço da cidade de Macaíba. E esse é o metiê que encontramos nas publicações dos outros irmãos que sempre estão presentes nas obras uns dos outros. Nesse sentido, intentamos também lançar um novo olhar sobre as diversas formas de sociabilidades colocadas em prática por eles, observando os fatores que foram definidores da sua identidade macaibense e, ao mesmo tempo em que buscamos entender os motivos que possibilitaram a eles o reconhecimento da projeção enquanto nomes expressivos nas letras e na política da Província e posteriormente do Estado. Em contigüidade com o desenvolvimento destes temas, buscamos também salientar a importância do resgate do ensino da história local desta cidade. Tendo em vista que, dessa forma, seus habitantes possam compreender o valor histórico dos espaços que foram narrados pelos supracitados irmãos, espaços estes que vem sendo continuamente destruídos, resultado de sucessivas administrações e do desapego da população com o seu patrimônio e com sua própria memória.

Palavras-Chave: Macaíba, Família, Espaço e Ensino de história.

MACAÍBA: O ESPAÇO DAS VIVÊNCIAS

Genilson de Azevedo Farias ¹(UFRN)

Orientador: Almir de Carvalho Bueno ²(UFRN)

Durante a década de 1860, a Província do Rio Grande do Norte conheceu um ciclo de expansão econômica baseado na produção e exportação do algodão para o mercado europeu, em virtude da Guerra de Secessão norte-americana³. Nesse período, nossa economia cresceu e Macaíba, então Vila do Coité, passou a funcionar como

¹ Graduando em História.

² Professor do Departamento de História e Vice-coordenador do PPGH da UFRN.

³ MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2ª ed. Cooperativa Cultural. 2002. p. 240.

importante entreposto comercial, devido à sua posição geográfica estratégica, no centro natural do sistema hidrográfico da bacia do rio Potengi, o que lhe deu grande vantagem comercial dentro da Província⁴.

Nesse momento, Macaíba alcançou um desenvolvimento comercial considerável, chegando até a suplantar a importância da capital da Província, tendo em vista o grande fluxo de mercadorias que para ela convergia. Com isso, a pequena cidade atraiu várias famílias de comerciantes que trabalhavam com negócios de exportação e importação de produtos. Dentre estes, Fabrício Gomes Pedrosa, paraibano de Brejo de Areia, e bisavô dos proeminentes irmãos Castriciano de Souza, a saber: Eloy de Souza, Henrique Castriciano e Auta de Souza, que atuaram com destaque na política e na sociedade norte-rio-grandense e cujas obras serão aqui problematizadas.

Tendo em vista as suas iniciativas comerciais, assim como os investimentos do Governo Provincial, Fabrício Gomes Pedrosa veio a se estabelecer como maior comerciante da Província, através da importante Casa Comercial de Guarapes, um dos suportes econômicos de sua família⁵. Embora estivessem geograficamente distantes uma da outra, Macaíba e o empório de Guarapes mantinham relações diretas entre si, pois grande parte da riqueza gerada na empresa se estendia e se reproduzia em Macaíba, onde já moravam outras famílias também abastadas economicamente.

Nesse momento, tendo em vista o grande fluxo de mercadorias, Macaíba chegou até a suplantar a importância da capital, e pouco faltava para que ostentasse a fisionomia de uma minúscula cidade.

Segundo Eloy de Souza:

A verdade é que dentro de alguns anos Macaíba tornou-se a capital honorária da Província, passando a ditar a moda, atrair os presidentes, autoridades, graduados e os poucos homens ilustres da Província⁶.

Foi nessa efervescência comercial da cidade de Macaíba que nasceram os três escritores fundamentais para a nossa pesquisa, descendentes diretos da família Gomes Pedroza. O primeiro deles, Eloy de Souza, nasceu em 04 de março de 1873 no sítio Arraial, bairro da cidade do Recife, em Pernambuco. Eloy era o mais velho dos cinco filhos do casal Henriqueta Leopoldina de Souza (1852-1879) e Eloy Castriciano de Souza (1842-1881).⁷ Ainda em Pernambuco, fez todos os seus estudos. Entretanto, não chegou a concluir o curso de Ciências Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife. No âmbito político estadual, logrou os cargos de Senador e Deputado Federal. Pertencendo ao reduto oligárquico de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, obteve destaque em sua atuação, sendo de sua autoria muitos projetos e pareceres. Enquanto jornalista, escreveu para a imprensa de todo o país, principalmente no Rio Grande do Norte. Morreu em Natal, aos 86 anos de idade, no dia 07 de outubro de 1959.

Já Henrique Castriciano de Souza nasceu em 15 de Março de 1874, na cidade de Macaíba. Desde muito cedo escreveu artigos, poesias e crônicas literárias para diferentes jornais e revistas do país, mas sua atuação se deu principalmente na imprensa

⁴ Ibid. , p. 175.

⁵ BUENO, Almir de Carvalho. **Visões da República**: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte(1880-1895). Natal: EDUFERN, 2002. p. 32.

⁶ SOUZA, Eloy de. **Memórias**. Natal: Fundação José Augusto. 1975. p. 26.

⁷ Seu pai, de quem herdou também o nome, exercia o cargo de gerente da firma Paula, Eloy & Cia, empresa que prosperava abastecida com cereais transportados do Recife, nas embarcações do sogro.

de Natal. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Ceará, em 1908, e ao regressar ocupou diferentes cargos públicos. Atuou na política como Secretário do Governo de Alberto Maranhão, Procurador do Estado, Deputado Estadual por duas vezes e Vice-Governador do Estado nas gestões de Joaquim Ferreira Chaves (1914-1920) e Antônio José de Melo e Souza (1920-1924). Enquanto educador, ao lado de coestadanos, fundou a Escola Doméstica de Natal, no momento em que a cidade do Natal vivia o alvorecer de sua *Belle Époque*. Além de sua atuação em prol da educação feminina, Henrique Castriciano estimulou a criação de vários grupos de escoteiros na capital e no interior.

E, por fim, Auta de Souza, que também nasceu em Macaíba, a 12 de Setembro de 1876, sendo a única mulher entre cinco filhos.⁸ Sua educação foi primorosa para os padrões da época, tendo estudado no Colégio São Vicente de Paula, em Pernambuco, sob orientação de religiosas francesas. Embora fosse mulher, numa época em que a sociedade vivia sob o jugo do patriarcado, sua vida literária foi bastante prolixa, atuando na imprensa de todo o país. Apesar da vasta produção, ficou conhecida nacionalmente como a principal poetisa norte-rio-grandense através de seu único livro: o livro de poemas *O Horto*. Seus biógrafos não a descrevem amarga, mas, acometida de tuberculose desde os 14 anos, ela e o irmão Henrique viveram a busca ansiosa da cura. Diferente do irmão que morreu septuagenário, Auta faleceu precocemente aos 24 anos, no dia 7 de fevereiro de 1901.

Diante disso, pode-se perceber que o fato de Eloy, Henrique e Auta pertencerem a um reduto familiar de destaque na sociedade e na política norte-rio-grandense, assim como sua educação esmerada, seus atributos intelectuais e os laços de parentesco, de amizade e políticos com os Albuquerque Maranhão, permitiram aos irmãos Castriciano de Souza se projetarem enquanto nomes expressivos nas letras e na política dentro da Província e, mais tarde, do Estado⁹.

Por outro lado, após o término da Guerra de Secessão, os Estados Unidos da América voltaram a ocupar o seu espaço no mercado europeu, abastecendo seus antigos compradores de algodão, de modo que a cotonicultura norte-rio-grandense sentiu o impacto dessa retomada. Assim sendo, a importância de Macaíba declinou, devido ao fim do surto de exportação do algodão. Justamente no alvorecer da República, momento em que a região deixou de exercer a posição de centro econômico e político da Província e Natal voltou a ocupar seu lugar de destaque.

Esse contexto de passagem do século XIX para o Século XX, foi marcado pelo anseio de modernização das cidades pelas elites brasileiras. Para tanto, era necessário dotar os espaços de sociabilidade das cidades de elementos definidores dessa modernidade. Em Natal isso não foi diferente. Buscando seguir o padrão das cidades vizinhas, o espaço urbano da capital foi sonhado, planejado e transformado com fins de atender ao desejo de modernização mantido pelas elites políticas e intelectuais, das quais os irmãos Castriciano de Souza faziam parte e foram nítidos representantes e porta-vozes. Conforme Lilia Moritz Schwarcz¹⁰, esse espaço que expandia era o nítido reflexo da atuação dos Bacharéis, realidade que também foi repetida e percebida em outras cidades do país

Vivendo e atuando na política, na cultura e na sociedade da capital potiguar exatamente no momento em que este centro se modernizava, os irmãos Castriciano de

⁸ Auta de Souza era irmã de João Câncio, Irineu, Henrique Castriciano e Eloy de Souza.

⁹ GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001. p. 46.

¹⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-43.

Souza tiveram fácil acesso à literatura e aos modismos europeus, sobretudo franceses. Na contramão desse processo de alvorecer da *Belle Époque* natalense, Macaíba vivenciava os impactos da crise deixada pelo fim do surto do algodão. Nesses termos, enquanto membros de uma família de senhores de engenho e da empresa exportadora-importadora de Guarapes, os irmãos Castriciano de Souza também conviveram com este momento de crise em Macaíba, cidade berço de sua família. Dessa forma, os Castriciano de Souza buscaram fazer o resgate de um passado aristocrático em Macaíba, imortalizando o lugar social do qual fizeram parte, por meio da representação desse espaço em escritos para diversas revistas e jornais do Estado.

Diante disso, percebemos que os supracitados irmãos foram bastante influentes no contexto do processo de modernização de Natal nas primeiras décadas do século XX. Exercendo diversas atividades nos meios culturais e políticos estaduais, sobretudo no seio da imprensa local, como no Jornal *A República*¹¹, eles tiveram oportunidade de expressar suas opiniões e anseios sobre os mais diversos assuntos. Diante disso, no nosso trabalho buscamos entender qual o espaço representado nos textos jornalísticos e nos livros publicados por esta ilustre família.

O interesse por estudar a referida cidade teve início ainda na graduação, momento em que desenvolvi alguns trabalhos tendo como foco elementos diversos da cidade de Macaíba. Além disso, esta cidade foi meu objeto de estudo no trabalho final do curso de história na UFRN¹².

Do ponto de vista historiográfico, ao nos debruçarmos sobre a historiografia da sociedade nordestina e, mais especificamente do Rio Grande do Norte, percebemos que há uma grande quantidade de estudos que enfatizam a presença e atuação da família Albuquerque Maranhão desde o início da nossa colonização.

Grupo representante da alta burguesia agro-comercial-exportadora do Rio Grande do Norte em fins do século XIX e início do século XX, sempre foi descrito enquanto reduto familiar de grandes personalidades de mentes ilustradas que amavam o progresso acima de tudo. De tal forma, que a maioria dos trabalhos que versam sobre os governos de Pedro Velho e Alberto Maranhão enfoca, principalmente, a implementação das obras arquitetônicas, o patrocínio e apoio às artes e ao embelezamento do espaço urbano da capital.

Mesmo estando ligados ao clã dos Albuquerque Maranhão por laços de parentesco, de amizade e de política desde os primeiros anos da nossa história, os Castriciano de Souza foram pouco enfatizados pelos estudiosos da historiografia potiguar. Nesse sentido, a intenção de fazer um estudo sobre o tema escolhido, deveu-se também à percepção da ausência de trabalhos que analisassem a família Castriciano de Souza através de outro viés, no caso o das suas vivências, sociabilidades e do sentimento de pertença com o espaço da cidade de Macaíba.

Dessa forma, tendo em vista que a historiografia clássica norte-riograndense quando trata da nossa história cultural apenas menciona a presença e atuação dos irmãos Castriciano de Souza, daí o interesse da nossa investigação que busca enfatizar outra peculiaridade da vida destes eruditos, ou seja, o aspecto familiar e

¹¹ O Jornal *A República* foi fundado por uma comissão do então nascente Partido Republicano do Rio Grande do Norte. Tendo à frente Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, o periódico funcionava como diário oficial do Governo cujo primeiro volume circulou em Natal no dia 1º de Julho de 1889.

¹² Na monografia, intitulada *Comércio e Urbanização: Macaíba nos anos de 1860*, que contou com a orientação da professora Fátima Martins Lopes, procurei problematizar alguns aspectos do crescimento urbanístico naquela cidade atrelados ao segundo surto produtor de algodão do Nordeste.

afetivo com o espaço através das diversas sensibilidades registradas em suas inúmeras publicações.

Fernand Braudel, narrando o Mediterrâneo na época de Felipe II, apresenta-nos barcos, homens, rotas e a cada paisagem composta vai produzindo seu livro. A partir do mar Mediterrâneo, centro que convergia povos, mercadorias e capital, escreve uma história dos espaços pensando suas diferentes configurações, principalmente, os aspectos culturais, políticos e econômicos¹³.

No livro “Memórias” de Eloy de Souza as referências ao tráfego fluvial de embarcações pelo rio Jundiá é bastante recorrente. Tal como Braudel que tratou do mar Mediterrâneo, Eloy menciona várias vezes o rio Jundiá, importante via de comunicação que ligou Natal a Macaíba aglutinando produtos, pessoas, lucros e perdas e que deixou suas marcas no espaço.

Da mesma forma que as relações econômicas estabelecidas em torno das atividades portuárias do mar Mediterrâneo haviam trazido desenvolvimento para as três comunidades culturais que Braudel cita em seu livro: Roma, O Islã e Constantinopla¹⁴, o comércio através do rio Jundiá teria trazido mudanças para Macaíba e também para a província do Rio Grande do Norte segundo Eloy de Souza.

O motivo de o supracitado autor ter se referido tantas vezes a este momento, se dá pelo fato de que Macaíba, ao atrelar-se às correntes do mercado internacional cumpriu o papel de intermediadora do sistema algodoeiro como dito anteriormente, mas, principalmente, por ter sido neste momento e nesta cidade onde foram fincadas as suas raízes familiares, econômicas e políticas.

Diante da problemática formulada, utilizamos alguns conceitos espaciais. Esses conceitos darão suporte à intenção de compreender o espaço de Macaíba através das suas representações pelo veículo da memória. Nesse sentido, será tomado por empréstimo o conceito de “espaço simbólico” definido por Gaston Bachelard, o conceito de “memória” e de “lugar de memória” tal qual formulado por Pierre Nora. Por fim, o conceito de “saudade” pensado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

A idéia de espaço simbólico parte das reflexões de Gaston Bachelard. Para este “o espaço habitado transcende o espaço geográfico”¹⁵, ou seja, para este autor é preciso que se atribuam sentidos ao espaço físico através das vivências e das percepções, para que este possa existir. No nosso trabalho, é o próprio espaço de intimidade que se reflete nos relatos da cidade de Macaíba que é narrada por seus filhos que sentem o desejo enfatizar o seu passado de glórias econômicas, políticas e sociais. O que foi feito da mesma forma por Gilberto Freyre na primeira metade do século XX¹⁶.

Bachelard utiliza ainda, a analogia entre o ninho dos pássaros e a casa simples. Comparando estes dois espaços, ressalta que por mais banal que possa parecer, o ninho passa aos seus espectadores uma imagem de acolhimento e de proteção. “O ninho vivido” é, então, uma imagem feliz”¹⁷. Para Henrique, Auta e Eloy, Macaíba figurava como esse ninho feliz descrito por Bachelard, onde as lembranças da família e de um tempo bom que não voltará mais se concentravam.

¹³ BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

¹⁴ Ibid., p. 106-107

¹⁵ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 227.

¹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, São Paulo: Cortez, 2001, p. 99.

¹⁷ BACHELARD. , p. 258.

Pierre Nora afirma que “o que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material [...] daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar”¹⁸. Dessa forma, são através dos bons e mais significativos momentos que conservam na memória que Henrique, Eloy e Auta buscam reconstituir o passado de suas infâncias.

Nas citações de Eloy de Souza ele deixa bem claro a relação estabelecida entre Natal e Macaíba através do rio Jundiá: “Lembro-me dos botes “Rogério Primeiro” e “Segundo”, que pertenciam a João Biname. “Flor do Rio”, de João Grande e tantos outros que viajavam entre Natal e Macaíba”¹⁹; “ Na velha casa do porto, nossa diversão de todos os dias era ver chegar ou sair os botes e, a longos intervalos, as barcaças “Dona Silvina”, “Henriqueta”, e o cúter cacique”, pertencentes a meu pai[...]”²⁰. Nas palavras do supracitado autor, podemos perceber que a sua forma de escrever alude a uma escrita familiar, onde cita pessoas que faziam parte de seu convívio e até mesmo de sua própria família.

Pierre Nora considera ainda que “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais”²¹, vai ser exatamente a sensação de estranheza com a destruição de um passado, mas, sobretudo o desejo de perpetuá-lo que os levarão a falar de uma Macaíba a partir de suas experiências, principalmente infantis.

De acordo com Durval Muniz:

[...] a saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, [...]”²².

Assim, tal conceito é bastante pertinente neste trabalho, uma vez que é a saudade de um tempo de progresso e desenvolvimento, com o qual se identificam e do qual fizeram parte, que vai ser a chave-mestra da narrativa de Henrique, Auta e Eloy em muitas das suas publicações.

Outro trabalho utilizado na pesquisa é a dissertação Ser(tão) Seridó: em suas cartografias espaciais de Olívia Moraes. Em sua pesquisa analisa as configurações espaciais do Seridó potiguar a partir das obras de quatro autores seridoenses: Manuel Dantas, José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal e Oswaldo Lamartine de Faria. A forma de escrita produzida sobre o seridó nas obras dos quatro autores enfocados por ela assemelha-se bastante ao modo de escrita produzida por Henrique Castriciano, Auta de Souza e Eloy de Souza quando falam sobre Macaíba.

Para cada um dos autores referenciados na nossa pesquisa, a forma de escrever girava em torno dos elos carnis de afeto e amizade que nutriam um pelo outro. Nos seus escritos vemos a constante troca de dedicatórias e referências, fazendo-se muitas vezes, presentes na obra do outro da mesma forma que os autores que falaram sobre o seridó²³.

¹⁸ NORA, Pierre. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, Dezembro, 1993. p. 15.

¹⁹ SOUZA, op. cit., p. 19.

²⁰ Ibid., p. 20

²¹ NORA, Op.cit., p. 7

²² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Op. cit., p. 65.

²³ MEDEIROS NETA. Olívia Moraes de. **Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. Natal. RN, 2007. Dissertação. P. 16

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, São Paulo: Cortez. 2001.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões da República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal: EDUFRN, 2002.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da Literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. **Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. Natal. RN, 2007. Dissertação.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 2^a ed. Cooperativa Cultural. 2002.

NORA, Pierre. *Entre Memória e história: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. São Paulo, Dezembro, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Eloy de. **Memórias**. Natal: Fundação José Augusto. 1975.